

# DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

## Dona Baratinha: Um projeto literário como eixo estruturante do trabalho pedagógico no BIA

*Miss Baratinha: A literary project as the structuring axis of the pedagogical work at BIA*

 Marcia Bittencourt Leite \*

Recebido em: 22 jul. 2021  
Aprovado em: 6 maio 2021

**Resumo:** Projeto literário é uma temática comum às escolas, em suas diversas etapas. Especialmente no Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, ele assume papel de destaque. A literatura infantil, como arte, encanta a criança e oferece a ela muitas vivências que ela ainda não experimentou, e, além disso, abre possibilidades para a reflexão sobre a leitura e a escrita, na perspectiva da alfabetização e letramento. Aqui, trago um breve relato de um projeto literário, o projeto Dona Baratinha, desenvolvido na Escola Classe 419 de Samambaia, no ano de 2013. Ano em que trabalhei como coordenadora do BIA nesta unidade escolar do Distrito Federal e tive o privilégio de representar esta personagem, que era uma contadora de histórias. Outras professoras da escola se uniram a ela nessa arte de contar e encantar com histórias, neste período de vigência do projeto, o ano letivo. O diferencial do projeto é que além dos objetivos comuns, mais voltados para a aquisição do hábito da leitura, ele ocupou-se também da estruturação de conteúdos pertinentes à alfabetização relativos aos tipos e gêneros textuais criando situações que permitiram às crianças experimentarem escritas sociais reais, com intencionalidades comunicativas e interativas. Além disso, ocupou-se da organização do Projeto Interventivo com a criação de atividades e materiais, observando os diversos níveis psicogenéticos a serem trabalhados no reagrupamento interclasse, a partir das histórias contadas.

**Palavras-chave:** Projeto literário. Alfabetização. Letramento. Literatura infantil.

**Abstract:** Literary project is a theme common to schools, in its various grades. Especially in the Initial Literacy Block (BIA), in which it assumes a prominent role. Children's literature, as an art, delights children and offers them many experiences that they have not yet experienced, and, in addition, it opens up possibilities for reflection on reading and writing, from the perspective of literacy. Here, I bring a brief report of a literary project, the Miss Baratinha project, developed at Escola Classe 419 de Samambaia, in 2013. Year in that I worked as coordinator of the BIA in this school unit in the Federal District and had the privilege of representing this unit. character, who was a storyteller. Other teachers at the school joined her in this art of telling and enchanting with stories, in this period of validity of the project, the school year. The project's differential is that in addition to the common objectives, more focused on the acquisition of the reading habit, it was also concerned with the structuring of contents relevant to literacy related to textual types and genres, creating situations that allowed children to experience real social writings, with communicative and interactive intentions. In addition, he was responsible for organizing the Interventive Project with the creation of activities and materials, observing the different psychogenetic levels to be worked on in the interclass regrouping, based on the stories told.

**Keywords:** Literary project. Literacy. Literacy. Children's literature.

---

\* Marcia Bittencourt Leite é licenciada em Pedagogia; especialista em Educação Infantil pela Universidade de Brasília – UnB. Professora na Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – EAPE/SEEDF, tendo atuado como formadora nos cursos: A Arte de Contar Histórias, A Arte dos Bonecos – Recursos para muitas histórias e o curso Alfabetização e Letramentos. Contato: marciabittencourt@edu.se.df.gov.br

Quando penso em histórias que me trazem lembranças leitoras da infância não posso excluir destas O casamento de Dona Baratinha, como uma obra de arte literária que perpassa a existência de tantas crianças, e a minha. E são muitas as lembranças de ter vivenciado, neste tempo, esta história, em diferentes suportes e linguagens. Pelo livro, o teatro e o disquinho colorido que tocava na vitrola, enquanto eu, deitada no sofá retrô alaranjado de braços brancos, da sala de minha casa, viajava nas cantigas do reconto, escrito por Braguinha, do Casamento de Dona Baratinha.

Na escola, Dona Baratinha havia chegado com todo o glamour artístico de uma peça de teatro onde os atores travestidos de bichos falantes representavam a história cantada, velha frequentadora da minha não tão longa vida de menina, estudante da escola primária da década de 60.

Busco em minhas memórias outro momento vivenciado na escola em que a literatura me tenha sido apresentada assim, de forma tão encantadora. Não encontro nas lembranças estudantis outra história, outra narrativa com a qual eu tenha estabelecido essa relação tão íntima, tão aconchegante. Talvez, porque, de fato as outras histórias foram trazidas a mim sem o pó de pirlimpimpim da magia, da fantasia, do encantamento. E mais, normalmente elas vinham como prática rotineira dos conteúdos de leitura e escrita da escola, e quase sempre com um comando de alguma atividade para depois da leitura: – faça um desenho da parte que você mais gostou, faça um resumo da história... Ou, pior ainda: – preencha a ficha literária!

E foi assim, cheia de boas lembranças, que essa história tornou-se a mim, já adulta, atuando como coordenadora do Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, de uma escola pública da região de Samambaia, no Distrito Federal, a Escola Classe 419. Nesse tempo a escola atendia aproximadamente 1200 estudantes em turmas de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Sendo que seu espaço físico abrigava dois blocos separados, um para cada etapa de ensino. O ano foi 2013. Era o meu segundo ano trabalhando nesta escola e o primeiro como coordenadora do BIA em uma escola pública.

Logo no começo do ano letivo, após as escolhas de turmas e eleição dos coordenadores nos colocamos a trabalhar e a planejar as ações para o ano que começava. Já na primeira reunião entre o grupo de coordenadores e o supervisor pedagógico, ele nos trouxe uma inquietação. A de que a escola precisava apresentar para as crianças os gêneros literários de uma forma mais dinâmica e afetiva, levando-as a se envolverem com as histórias, e assim se sentirem motivadas para a leitura dos livros apresentados, e de outros livros que quisessem ler. Era importante buscarmos estratégias para fomentar o hábito da leitura, o desejo de ler. Além disso, propiciar meios para que muitos dos conteúdos trabalhados nos diversos anos/turmas, pudessem ser pensados a partir do contexto das histórias. Assim como, que a alfabetização acontecesse por meio de vivências reais de escrita, pensadas também a partir das histórias contadas, explorando a diversidade de gêneros textuais possíveis.

Na tentativa de trazer esses pensamentos para o concreto foi sugerido, também pelo nosso supervisor, que talvez pudessemos pensar em uma mascote, uma personagem que estabelecesse este elo de simpatia e afetividade com as crianças e que a contação de histórias trouxesse a literatura infantil como elemento significativo para o contexto do trabalho pedagógico

da escola. E foi desta forma que eu me tornei a Dona Baratinha, da Escola Classe 419, no ano de 2013.

Antes de descrever como o projeto Dona Baratinha começou, é importante situá-lo nas teorias que o sustentaram. Primeiro quanto a eleição de um projeto como metodologia de trabalho. E nesse sentido, trago o pensamento de Hernandez (1988, p.49) afirmando que a opção por um projeto não deve ser apenas metodologia, mas uma forma de repensar a função da escola.

A escola, segundo Zilberman (2003) nasce da emergência de uma nova noção de família, com laços de parentescos mais íntimos e afetivos, a partir da decadência do feudalismo. Porém, nesse tempo, em que nascia também a noção de infância, a escola atuou mais no sentido de separar a criança da sociedade, de forma que as suas experiências em sala de aula contrariavam tudo que até então ela havia vivenciado. Criou-se, no ambiente escolar, um grupo homogêneo, onde as crianças eram igualadas na impotência, despojadas de poder, diante dos professores e da própria instituição.

As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir em seu lugar, o normativo. Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo; por sua vez, o espaço que se abre é ocupado pelas normas e pelos valores da classe dominante, **transmitidos** ao estudante. (ZILBERMAN, 2003, p.22, grifo nosso)

Embora estejamos falando de uma escola do século XIII não é difícil notar que ainda hoje, século XXI, muitos elementos dessa concepção de escola ainda perduram. Então, nesse sentido, a pedagogia de projetos busca romper com esse distanciamento da escola com o social, o cultural e o histórico. Fazendo com que a escola seja para as crianças como um microcosmo do mundo que elas vivem além dos seus muros. Trazendo experiências reais que as façam estabelecer um diálogo com o próprio mundo, ampliando os seus conhecimentos sobre este.

Desta forma, a literatura infantil tem na sua própria natureza, também essa característica de trazer para as crianças vivências que vão além do que elas poderiam experimentar em seus cotidianos, pois:

Ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

Ainda no sentido das vivências da infância, Vigotski (2018) ao tratar das questões da imaginação e da criação neste período da vida traz à tona questões importantes a serem consideradas na perspectiva da literatura infantil. Para ele, no diálogo que a criança estabelece com o mundo ela não separa fantasia e realidade, alterando as suas experiências do mundo real com as experiências da fantasia, o que justifica o seu “gosto pelos contos e histórias fantásticas”. Então:

A conclusão pedagógica a que se podem chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso queira-se criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. (VIGOTSKI, 2018, p. 25)

Embasados nesta propositura, o diálogo entre ludicidade, literatura infantil, alfabetização e letramento no âmbito do Projeto Dona Baratinha iniciou-se com a representação cênica da história O Casamento da Dona Baratinha por um grupo de professores da escola. É importante mencionar que os professores participantes atuavam na gestão, na coordenação e sala de recursos. Buscou-se criar um grupo de pessoas que se identificassem com a contação de histórias e que pudessem cooperar com as formas lúdicas e criativas para a apresentação das histórias às crianças nos diversos momentos que isso aconteceria no ambiente escolar.

Os objetivos principais desta encenação teatral, inicial, foram estabelecer o contato afetivo entre a personagem Dona Baratinha e as crianças da escola, e, começar por meio dos constructos sociais trazidos pela história encenada o trabalho pedagógico com os gêneros textuais. Já que Dona Baratinha, desiludida com a ideia do casamento, recebeu, ali, na janela de sua casa, a visita do carteiro que lhe trazia um embrulho com muitos livros, que ela começaria a ler para as crianças. A encenação, e a própria história, como obra de arte literária, estabeleceram entre a personagem e as crianças sentimentos de afeição e o desejo de conhecer as outras histórias que ela, Dona Baratinha, como leitora iria contar a partir de então. Criou-se, neste momento, um sentimento, ou vários sentimentos. Nesse sentido, Vigotski aponta para essa relação dos sentimentos que a arte é capaz de despertar em nós quando diz que:

[...] a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isso deixar de continuar social (VIGOTSKI, 1999, p. 315)

Começou-se, então, pelas fábulas o trabalho em relação aos gêneros literários e textuais. Fábulas foram contadas por Dona Baratinha e também pelas professoras em suas salas de aula, para que desta forma, as crianças se apropriassem das características do gênero e se sentissem estimuladas em suas escritas autorais neste estilo narrativo. E assim, ao longo do ano muitas histórias foram contadas por Dona Baratinha e seu grupo de apoio, e recontadas também pelas professoras estimulando nas crianças o desejo da leitura destas histórias e de outras histórias, tendo como suporte o livro.

Também, no sentido de estimular o hábito da leitura criou-se o subprojeto Lendo em Família onde cada turma recebeu uma sacolinha com diversos tipos de textos que semanalmente uma criança da sala levaria para casa. Na sacolinha tinha revistas de receitas culinárias, jornais, livro de literatura infantil e revistas com temáticas sociais diversas. Pensando na importância do exemplo como estímulo à leitura, o objetivo deste subprojeto foi oferecer para as famílias momentos de leitura juntos, em família.

Compôs também o projeto Dona Baratinha um outro

projeto que já acontecia na escola em anos anteriores, da biblioteca. Neste, as crianças visitavam a biblioteca semanalmente, segundo escala pré definida, e escolhiam livremente os livros que quisessem levar para ler em casa, que eram trocados a cada semana. A biblioteca tornou-se também um espaço para a contação de histórias. E acima de tudo um espaço de interação com o texto escrito.

Soares (2020) fala da necessidade de se criar na escola situações reais de escrita trazendo para dentro dela o próprio mundo, de forma que a escrita das crianças tenha funções comunicativas e interativas. Sejam escritas com finalidades reais e sociais. No entanto, diz que isso não é uma tarefa fácil para a escola. Soares afirma que:

A alternativa é criar situações que se aproximem, tanto quanto possível de situações de interação por meio da escrita propondo que a criança produza um texto tendo o que dizer, com determinado objetivo, dirigido a determinados leitores. (SOARES 2020, p. 255)

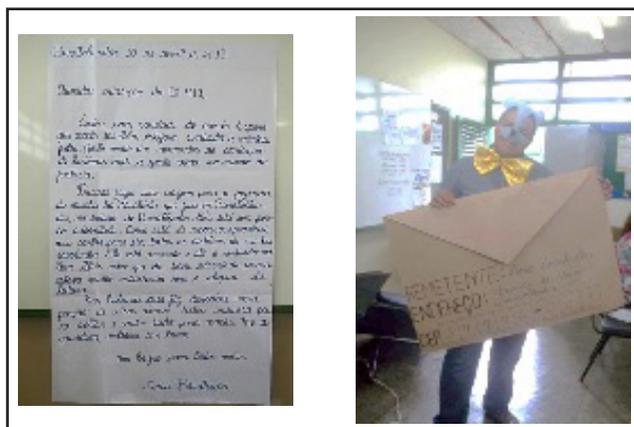
Nesse sentido, criou-se uma situação fictícia na qual Dona Baratinha havia desaparecido e foram espalhados cartazes pela escola informando sobre esse seu “sumiço”. Então, este foi um assunto, que por um tempo fez parte das conversas das crianças. Por onde andava Dona Baratinha? Até que um dia chega na escola uma carta de dona Baratinha informando o motivo do seu sumiço inesperado. Carta que foi apresentada às turmas pelo personagem Dom Ratão, conforme figuras 1 a 3.

Além da carta, Dona Baratinha também enviou bilhetes informando sobre o seu retorno, e sobre os seus sentimentos de saudade das crianças. Esta situação inventada representou o estímulo para os trabalhos pedagógicos em relação a estes gêneros textuais, a carta e o bilhete, e a inserção das crianças em práticas sociais da língua escrita. A partir desta situação as crianças puderam desenvolver escritas reais nas quais puderam ser trabalhadas as três facetas que segundo Soares (2020) compõem a aprendizagem da escrita: a faceta linguística, a faceta interativa e a faceta sociocultural. E foi assim que Dona Baratinha recebeu muitas cartas e bilhetes cheios de emoção e sentimentos.

Não caberia no espaço deste relato descrever todas as

Figura 1 – Carta enviada por Dona Baratinha. 2013

Figura 2 – Dom Ratão em visitas às turmas. 2013



Fonte: Acervo Pessoal, 2013.

Figura 3 – Dona Baratinha recebe cartas . 2013



Fonte: Acervo Pessoal, 2013.

vivências proporcionadas pelas histórias contadas, mas, uma história específica seria importante trazer à tona como forma de demonstrar a possibilidade do trabalho interdisciplinar proporcionado pelo projeto no pensar sobre a estruturação dos conteúdos, a história de Jonas Ribeiro, Em Nome da Paz. Esta é uma história cujas imagens e texto apresentam ao longo do livro situações de guerra e paz, e, ao final o autor sugere a elaboração de uma receita de paz para o mundo colocando nesta elementos típicos de muitos países, compondo um mesmo prato, simbolizando a união de todos os povos. Com esta história iniciamos o trabalho com o gênero receita.

Então, por serem as imagens muito significativas para a compreensão da história, estas foram reproduzidas em tamanho de meia folha de cartolina e pintadas com tinta guache. Assim poderiam ser vistas com maior perfeição durante a contação da história, que foi realizada em quatro momentos, atendendo a grupos específicos de estudantes. A partir desta contação estabeleceu-se com as crianças um diálogo sobre os elementos necessários para o desenvolvimento de uma cultura de paz na escola. E, com foco na diversidade, na compreensão das diferenças, na necessidade de se buscar ações promotoras da harmonia e boa convivência quatro receitas de paz da Escola Classe 419, foram elaboradas pelos estudantes, coletivamente tendo os professores como escribas (Figuras 4 e 5).

Esta temática e o gênero receita foram aprofundados nas salas de aulas pelas professoras. Sendo que nessas atividades realizadas em sala, muitas vezes Dona Baratinha era convidada a participar contando histórias e contribuindo com a aula

Figura 4 – Contação história Em nome da Paz . 2013

Figura 5 – Receita de Paz da EC 419. 2013



Fonte: Acervo Pessoal, 2013.

planejada pela professora. E esses convites eram também produções reais de escrita, coletiva, onde o gênero convite, em sua estrutura, era trabalhado pelas professoras.

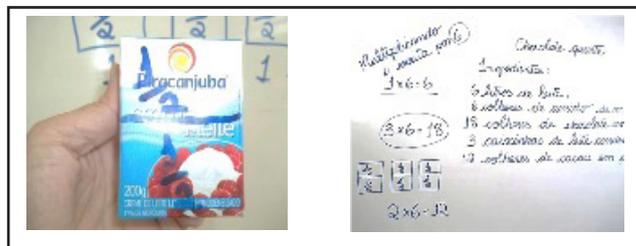
Um exemplo de como o trabalho estruturado a partir de um projeto literário ganha dinamicidade e fomenta a interdisciplinaridade está neste relato que trarei agora de uma aula em uma das turmas de terceiro ano do BIA. Nesta, a professora propôs a elaboração de uma receita de chocolate quente a ser feito junto com as crianças, explorando interdisciplinarmente aspectos que vão além da escrita. A receita, retirada de uma revista de culinária, precisava ser multiplicada por seis para servir a todo o grupo da sala. Isso possibilitou a reescrita da receita explorando conteúdos matemáticos de multiplicação de números naturais e de números fracionários também, já que a receita original prescrevia a utilização de  $\frac{1}{2}$  caixa de creme de leite. De forma concreta o número fracionário foi trazido à tona a partir da ideia demonstrada na própria caixinha de que a soma de  $\frac{1}{2}$  mais  $\frac{1}{2}$  de uma caixa de creme resulta em uma unidade, um número inteiro. E que,  $\frac{1}{2}$  caixinha de creme multiplicada seis vezes resultaria na necessidade de três caixinhas para a realização da nova receita, para toda a turma (Figuras 6 e 7).

Esta possibilidade de articular conhecimentos superando a compartimentação do saber é tratada por Hernández (1998) ao abordar a “globalização como problemática da organização dos saberes” sendo que diante das ciências cognitivas esta tem recebido “um novo sentido centrando-se na forma de relacionar os diferentes saberes, em vez de preocupar-se em como levar adiante a sua acumulação”. Para Hernández (1988):

É, definitivamente, mais do que uma atitude interdisciplinar ou transdisciplinar, uma posição que pretende promover o desenvolvimento de um conhecimento relacional como atitude compreensiva das complexidades do próprio conhecimento humano. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 47)

Figura 6 – Número fracionário 1/2. - 2013 2013

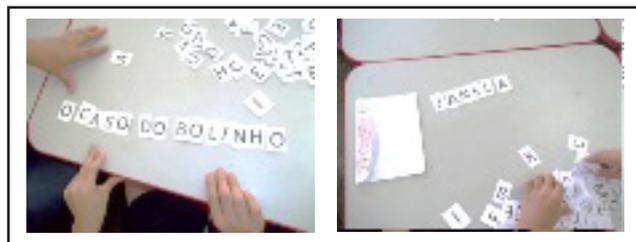
Figura 7 – Receita multiplicada por 6 - 2013



Fonte: Acervo Pessoal, 2013.

Figura 8 – Escrita com alfabeto móvel. - 2013 2013

Figura 9 – Escrita com alfabeto móvel. - 2013 2013



Fonte: Acervo Pessoal, 2013.

Neste dia Dona Baratinha introduziu a atividade, na sala do terceiro ano, contando a história de Tatiana Belinky, O caso do Bolinho. Já que o chocolate quente seria servido com bolo. Esta história foi ponto de partida para diversas outras atividades realizadas também nos dias seguintes, envolvendo a reflexão das crianças em relação ao sistema de escrita alfabético na escrita de palavras e frases, utilizando alfabeto móvel ou em outras atividades elaboradas pela professora (Figuras 8 e 9).

Quanto a elaboração de materiais pedagógicos voltados para a alfabetização, o projeto foi bastante significativo no sentido de trazer para o foco das suas ações o Projeto Interventivo, nas práticas do reagrupamento interclasse. Então, nesse sentido, na coordenação, eram elaboradas atividades contextualizadas sempre a uma história que seria contada por Dona Baratinha e seu grupo de apoio para as crianças, numa apresentação que fosse envolvente e significativa. Na elaboração destes materiais buscava-se retirar das histórias elementos, palavras ou frases, que pudessem ser foco das reflexões das crianças quanto a leitura e a escrita em atividades distintas quanto aos níveis psicogenéticos de escrita, segundo Ferreiro e Teberosky (1999).

Mas, nem só com histórias da literatura infantil este projeto foi alimentado. A necessidade de abordar temas sociais importantes levou à criação de histórias específicas. Foi o caso do trabalho pedagógico em relação à pediculose. Era comum que algumas das crianças apresentassem infestação de piolhos, o que nas brincadeiras e contatos corporais isso acabava se tornando um problema, pois assim muitas crianças também se infestavam. Nesse sentido, ao invés de simplesmente enviar para casa uma notificação comunicando as famílias da situação optou-se, num trabalho coletivo entre as coordenadoras do BIA e da Educação Infantil. A partir de estudos em relação à pediculose, criou-se um enredo que com a utilização de um fantoche foi levado às crianças, com o objetivo de conscientizá-las a respeito da higiene e de atitudes que tinham por fim coibir a proliferação de piolhos. Trabalho que foi realizado de sala em sala, sendo que somente após essa abordagem lúdica o informativo escrito foi enviado às famílias orientando-as sobre o problema e solicitando parceria no sentido de sua solução (Figura 10).

Estas foram algumas das práticas realizadas no âmbito deste projeto, desenvolvido em 2013, que culminou, ao final do ano letivo, com uma feira de arte, literatura e ciências, onde os trabalhos realizados durante o percurso puderam ser expostos

Figura 10 – Dona Baratinha - 2013



Fonte: Acervo Pessoal, 2013.

a toda comunidade escolar. Tem-se como registro deste momento de compartilhamento um vídeo de uma entrevista cedida pelas coordenadoras, crianças e familiares ao Programa Alternativo, veiculado pelo SBT-TV, em <https://www.youtube.com/watch?v=NeFJEXNf2hl>. Outro registro, do projeto, foi feito por meio de uma página do Facebook especialmente criada para compartilhar as práticas desenvolvidas neste período, <https://www.facebook.com/donabaratinha419>.

Sobre registros Barbosa e Horn (2008, p. 93) exaltam a importância do compartilhamento dos fazeres da escola, das professoras e das crianças, sendo “fundamental que todos os atores envolvidos sejam sujeitos e participem da elaboração, do registro e do acompanhamento deixando marcas ao longo do percurso”. Essa documentação pedagógica, que deve ser uma prática democrática e reflexiva, amplia a auto reflexividade por meio das discussões cotidianas durante o processo, permitindo um replanejamento das práticas e maior contextualização do currículo.

Neste sentido faço uma crítica ao que poderíamos chamar de pedagogia de eventos. Eventos estes, que muitas vezes são confundidos com projetos. Por exemplo, estabelece-se o projeto da “Feira Literária”, e, pouco tempo antes da realização da feira as crianças produzem textos, livretos, fazem trabalhos intencionalmente voltados para a exposição. Mas, isso não reflete o registro do processo de suas aprendizagens e vivências num percurso maior, que deveria de fato ser o objeto de compartilhamento quando pensamos em um projeto da escola. Vejo que a ideia de um projeto estruturante, pensado pelo grupo de professores e coordenadores, ainda é pouco compreendida e difícil de ser implementada, justamente por demandar um trabalho coletivo, de longo prazo, pautado na reflexão da própria prática, e decisões democráticas quanto a organização do trabalho. O que nem sempre fácil de se estabelecer. Por isso, um projeto que tenha o objetivo de estruturar as práticas pedagógicas de um grupo, como o BIA, demanda antes de tudo imbuir-se da necessidade da transformação. Um projeto da escola difere da projetualidade em sala de aula. É preciso buscar o diálogo e a promoção de uma prática pautada no compartilhamento entre o grupo.

O Projeto Dona Baratinha nasceu com a proposta de percorrer um caminho e um tempo maior, já estabelecido, o ano letivo. Avalio, no entanto, que apesar de exitoso no sentido de promover na escola o estabelecimento de práticas lúdicas e contextualizadas de alfabetização e letramento, sendo estas perpassadas pelos eixos transversais, concluo que muito ainda poderia ter sido experimentado no sentido da eficácia do projeto. Percebo que houve falhas na mensuração e registro de dados relativos aos percursos e índices finais de alfabetização. E também, uma melhor orientação às professoras por parte da supervisão pedagógica e da coordenação no sentido da organização coletiva de sequências didáticas e produção de materiais tendo por base as histórias contadas coletivamente.

Porém, mesmo diante das falhas apontadas ficou ao final a sensação de êxito, no sentido de que o projeto proporcionou novas vivências de trabalho para o grupo de professores e professoras da escola, sendo que este se fortaleceu em muitos sentidos a partir desta experiência. E, principalmente, o gosto pela leitura se tornou uma realidade entre muitas crianças da escola. Embora não soubéssemos todos os caminhos e procedimentos

para realizá-lo da melhor forma, ele aconteceu, como foi possível acontecer. E, de tudo o que foi vivenciado tiramos lições e aprendizagens, especialmente a aprendizagem de que a escola precisa representar para a criança o seu próprio mundo e não ser um mundo à parte. Daí a importância da formação

continuada dos profissionais de educação, no sentido de oferecer subsídios teóricos e práticos para o repensar da função da escola. Daí também a importância da socialização das práticas exitosas no sentido da apropriação por outros das possibilidades do caminhar pedagógico na alfabetização. ■

## Referências

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira, HORN, Maria da Graça Souza. – **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008
- DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento**: Presupostos teóricos. SEEDF, 2ª Edição. Brasília, 2018.
- FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso – Porto Alegre: Artmed, 1999.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança da educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNÁNDES, F., VENTURA, M. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho – O conhecimento é um caleidoscópio**. 5ª ed. Editora Artmed. Porto Alegre 1998.
- SOARES, Magda. **Alfabetizar – Toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1ª ed., 1ª reimp., - São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ª ed., 4ª reimp., - São Paulo: Contexto, 2020.
- VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico livro para professores**. Trad. e rev. tec. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. – 1º ed. – São Paulo. Expressão Popular, 2018.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. 11ª ed. Revis. Atualiz. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.